

RETROCESSO POLÍTICO-ECONÔMICO

O PT resolveu mostrar o que sabe e em seu 36º aniversário lançou o “Programa Nacional de Emergência”, que contempla:

- Aumento dos gastos públicos
- Expansão do crédito bancário
- Uso das reservas cambiais para financiar obras
- Reajuste de 20% para o Bolsa Família
- Elevação dos impostos para os ricos
- Aumento dos impostos sobre heranças e grandes fortunas
- Tributação dos lucros e dividendos
- Recriação da CPMF e
- Redução dos juros

Nesse programa de nítido viés marxista, o PT, a nosso ver, somente acertou em um ponto: a redução da taxa de juros do Banco Central que, obviamente, vai na contramão do bom senso e da realidade.

Segundo divulgado na mídia, o Senador Lindbergh Farias (PT-RJ) continua “pisando na bola” e reclamou do apoio do Planalto ao projeto de lei do Senado que deixa ao critério da Petrobras a exclusividade administrativa para os novos projetos do pré-sal. O Ministro Jaques Wagner, do PT, afirmou que o Governo vai trabalhar para que seja mantida a exclusividade da Petrobras.

MERCADO DE TRABALHO

A pior consequência da crise política e econômica é a sua repercussão

sobre o mercado de trabalho, o lado social da crise representado pela ocorrência do desemprego de 1,5 milhão de trabalhadores, em 2015.

Sobre esse encolhimento do emprego, registra-se uma sensível renda dos trabalhadores, responsáveis pela redução do consumo das famílias e do volume de vendas no comércio.

Como se vê do quadro abaixo, o desemprego em 2015 alcançou todos os setores da economia, exceto o agropecuário.

Evolução do Emprego por Nível Setorial no Brasil Dezembro/2016

Setores	NO ANO			
	Total Adm.	Total Deslg.	Saldo	Variaç. Empr. %
Extrativa Mineral	40.302	54.341	-14.039	-6,33
Indústria de Transformação	2.801.816	3.410.694	-608.878	-7,41
Serviço Industrial de Util. Pública	84.365	92.739	-8374	-1,99
Construção Civil	2.029.841	2.446.800	-416.959	-13,60
Comércio	4.423.326	4.641.976	-218.650	-2,32
Serviços	7.172.221	7.448.275	-276.054	-1,58
Administração Pública	84.830	94.068	-9238	-1,03
Agropecuária	1.070.566	1.060.745	9.821	0,63
TOTAL	17.707.267	19.249.638	-1.542.371	-3,74

NTE: MTE – CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS – LEI 4.923/65

A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior.

O FUNDO DO POÇO

O Governo federal quebrou, do mesmo modo que os Estados e Municípios: gastou mais do que

arrecadou e acumulou dívidas que não consegue pagar.

Pergunta-se quanto tempo podemos esperar para sair da crise? Cinco anos, dez anos, NUNCA? Vejamos, em resumo, a situação a que chegamos: são 5.576 municípios, com 5.576 Câmaras de Vereadores, cada um cercado por dezenas de auxiliares e assistentes; são 27 Estados nas mesmas condições ou piores; e o Governo da União com um crescente déficit fiscal e uma dívida impagável.

Se fossem empresas privadas já teriam pedido concordata e declarado moratória.

Os últimos números do IBGE configuram a mais profunda crise econômica desde a contenção de 4,3%, em 1990, quando o Presidente Collor sequestrou a poupança nacional. Em 2015, o PIB brasileiro caiu 3,8%, puxado, basicamente, pelo recuo de 9,7% na produção industrial e a queda de 14,1% nos investimentos. No setor externo, o valor das exportações caiu 15,1% e das importações 25,2%. As vendas do comércio caíram 8,9% em 2015 e 95 mil lojas foram fechadas.

As expectativas para 2016 são de igual tamanho, renunciando, em dois anos, uma recessão igual à da grande depressão de 1930/31. Uma tragédia, de perigosas consequências na área social.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

A queda do PIB vai permeando todas as atividades e é factível admitir que caminhamos para a mudança do Governo ou para o aprofundamento da recessão.

Crescem aceleradamente os pedidos de recuperação judicial, inclusive no setor das grandes empresas. Em janeiro e fevereiro de

2015 foram 116 pedidos; no 1º bimestre deste ano subiram a 251, mais do dobro.

Em janeiro, o consumo da energia elétrica encolheu 5,9%, puxado principalmente pela indústria (-9,3%), o comércio (-3,7%) e as residências (-5,4%) (EPE). O PIB caiu 3,8% em 2015, com queda recorde de 14,1% nos investimentos e redução de 4% no consumo das famílias.

Indústria

A produção industrial caiu 8,3% em 2015, mas depois de sete meses em recessão avançou 0,4% em janeiro.

A produção da indústria automobilística caiu 29,3% em janeiro, sobre janeiro/15, o licenciamento caiu 38,8% (com queda de 31,3% nas vendas), as vendas de máquinas agrícolas e rodoviárias registraram queda de 53,2% e as exportações em dólares caíram 18,3%. A produção de máquinas e equipamentos recuou 35,9%. Vestuário teve queda de 12,5%. A indústria da construção teve ligeiro recuo em janeiro e a utilização da capacidade instalada do setor fechou em 56%.

O Grupo Klabin inaugurou a fábrica de celulose de Ortigueira-PR, projeto de R\$8,5 bilhões, com capacidade de produção de 1,5 milhão de toneladas.

A empresa japonesa de vidros AGC está anunciando decisão de uma segunda fábrica no Brasil, com investimentos de R\$700 milhões.

O índice de confiança das indústrias caiu de 76,2 em janeiro para 74,7 em fevereiro (CNI).

Comércio

O volume de vendas do comércio varejista sofreu queda recorde de -8,9% em 2015 e iniciou 2016 com queda de 13,3% em relação a dezembro.

No ano passado, as quedas tiveram destaque nos setores automotivo (-18,9%), materiais de construção (-18,5%), supermercados (-5,8%), móveis e eletrodomésticos (-24,3%), materiais de escritório (-24,0%)

O consumo das famílias caiu 4% em 2015, a maior queda em 20 anos. Em linha com outros varejistas, a C&A fechará 12 lojas em 2016. O setor serviços iniciou 2016 com queda de 5% e a inadimplência acumulou alta de 3% em 12 meses, até fevereiro.

Agricultura

A produção agrícola de grãos deverá chegar a 211,3 milhões de toneladas em 2016, aumento de 0,9% ante 2015. Arroz, milho e soja representam 92,8% da projeção. A área plantada teve acréscimo de 1,2%.

Mato Grosso lidera a produção nacional, com 27,3% do total. Seguem Paraná (17,7 milhões) e Rio Grande do Sul (16,1 milhões). A previsão da produção de milho é de 82,7 milhões de toneladas, 3,5% abaixo de 2015.

Mercado de Trabalho

A taxa de desemprego ficou em 7,6% em janeiro, ante 6,9% em dezembro/15. Geograficamente, o desemprego subiu 2,2% em Belo Horizonte e 1,4% no Rio de Janeiro. Em relação a janeiro de 2015, a população ocupada caiu 6,1% em Salvador, 5,7% em Belo Horizonte e 3,30% em Porto Alegre.

O saldo de empregos em janeiro foi negativo em 99.694 postos, resultado de 1.205,4 mil admissões e 1.304,7 demissões.

As empresas estão se queixando que o Governo atrasa os repasses no PPE.

Setor Financeiro

Em reunião de 2/3, o COPOM do Banco Central manteve a taxa SELIC em 14,25%.

O Conselho do FGTS liberou R\$21,7 bilhões para o financiamento da casa própria, mas a repercussão no mercado imobiliário não acusou impacto. O saldo do crédito imobiliário caiu de R\$113 bilhões em 2014 para R\$75 bilhões em 2015 e deverá fechar em R\$50 bilhões nesta ano.

Em fevereiro, o percentual de famílias endividadas caiu 0,08 pontos, em relação a janeiro. Na comparação anual, houve aumento de 57,8% em 2014 para 60,8% em 2015.

Inflação

O mês de fevereiro fechou com ligeira baixa no ritmo de alta da inflação. O IPCA/IBGE subiu 0,90%, abaixo dos 1,27% de janeiro, o mesmo que o IPC/FIPE e o ICV/DIEESE. O único índice em alta foi o IGP-M/FGV (+1,29%). A taxa de câmbio valorizada ajudou a reduzir as pressões inflacionárias.

No acumulado de 12 meses, o IPCA chega a 10,36% e o IGP-DI/FGV a 13,35%. O maior responsável pela alta é o item alimentação e bebidas, enquanto os preços administrados perderam a força (+0,39%)

Setor Público

Como temos assinalado em Boletins anteriores, o Governo está literalmente quebrado, a União, os Estados e os Municípios. Os políticos do Governo, irresponsavelmente, evitam debater esse problema e chegam ao absurdo de propor um programa de expansão de gastos, além de se colocarem contra reformas estruturais, como a Previdência Social, cujo déficit

sobrecarrega o Governo em mais de R\$200 bilhões.

Até o momento, o Governo Federal já obteve cerca de R\$22 bilhões, com a elevação do IOF, do IR, da CIDE, do PIS/COFINS e do IPI. E mantém uma programação de novos tributos, com vistas a arrecadar mais R\$150 bilhões. Total desespero.

A recessão econômica está puxando para baixo a arrecadação dos tributos. Em janeiro, a arrecadação do Governo Federal caiu 6,71%, em termos reais. Também os Governos dos Estados e Municípios estão praticando um “impostação”.

Grandes obras de infraestrutura estão atrasadas ou paradas. E o Governo volta a levantar mais R\$21 bilhões do FGTS e a praticar aumento de créditos direcionados nos bancos públicos.

Boas notícias: Foram criadas na Câmara dos Deputados duas Comissões Especiais importantes: 1) para examinar a proposta de mudanças nas regras do pré-sal e 2) para examinar a proposta de alteração no regime da Previdência Social.

Todavia, os políticos da base aliada, centrais sindicais e alguns Ministros do Governo (como o do MTPS) **são contra**.

Setor Externo

O valor global do setor externo continua definhando, mas as exportações estão crescendo mais que as importações e produzindo substancial saldo na balança comercial. Em janeiro/fevereiro, as exportações atingiram US\$24,6 bilhões, com queda de 4,7% frente a 2015, e as importações US\$20,6 bilhões caíram espantosamente 35,1%. Em fevereiro, houve queda de 48,8% nas exportações de minério de ferro e de 28,2% de petróleo.

No cenário internacional sobressaem o pequeno crescimento dos Estados Unidos e a pequena desaceleração da China. Segundo o WTM, o valor do comércio exterior mundial caiu 13,8% em 2015, a primeira contração desde 2009. Em fevereiro/16, as exportações da China caíram 25,4% e as importações 13,8%, em relação a fevereiro/15.

Segundo notícia de O Globo, as empresas brasileiras não estão conseguindo captar recursos no exterior, nem rolar as dívidas, mesmo pagando juros altíssimos.

A cotação do OURO em relação ao dólar subiu de US\$1.025 por *onça troy*, em janeiro, para US\$1.208, atualmente. Uma valorização de 17,8%, em menos de dois meses.